Maria João Coelho Ferraz Pereira

PROJECTO PARA UM CENTRO DE CULTURA GASTRONÓMICA - REABILITAÇÃO DA CASA DOS ARCOS

Trabalho de Projecto

Mestrado em Arquitectura

JULHO, 2019

esap
escola superior
artística do porto

Maria João Coelho Ferraz Pereira

PROJECTO PARA UM CENTRO DE CULTURA GASTRONÓMICA

- REABILITAÇÃO DA CASA DOS ARCOS

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitectura realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Michele Cannatà

esap
escola superior
artística do porto

Declaro que esta(e) Dissertação / Trabalho de Projecto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

_____

Porto, ... de ..... de .....

_____

Declaro que esta Dissertação / Relatório / Tese se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

_____

Porto, ... de ..... de .....

AGRADECIMENTOS

Obrigada,

Aos meus pais, António e Cândida, que sempre me apoiaram neste longo percurso académico, com palavras de encorajamento e sábios conselhos. Lutaram para que eu tivesse a oportunidade de estudar e aprender sempre mais.

À minha irmã, que foi um pilar quando mais precisei e não me deixou desamparada. Sempre companheira, compreensiva e com uma palavra amiga.

Aos meus amigos, Jorge Alves, Sabina Couto, Liliana Mota, Claudia Pereira, pela amizade, pela compreensão e ajuda. Sempre presentes nos bons e maus momentos.

Aos meus colegas da Esap, que juntos, percorremos este caminho académico que nos preparou para um futuro, abriu-nos portas e deu conhecimento.

Ao meu orientador, Professor Michele Cannatà, que sempre me acompanhou com toda a disponibilidade e sabedoria. Com palavras sábias e aprendizados que levo para o futuro.

RESUMO

PROJECTO PARA UM CENTRO DE CULTURA GASTRONÓMICA REABILITAÇÃO DA CASA DOS ARCOS

Maria João Coelho Ferraz Pereira

O presente trabalho tem como objectivo a criação de um Centro de Cultura Gastronómica, através da reabilitação da Casa do Arcos, um edifício civil habitação, caracter rural, classificado como imóvel de interesse público. Que se encontra em estado de ruína à vários anos. Em conjunto com um novo edificado, que alberga a Casa Vinícola.

A valorização da ruína, é um ponto de partida neste trabalho. Que só foi possível, através de investigação, leituras, reflexões e um olhar atento à pré-existência, de forma a fazer um bom levantamento, sendo essencial ter o máximo de informação possível sobre a ruína. Para que no projecto, fosse possível adaptar a pré-existência a um novo uso, deixando de ser habitação e passar a conter um bar e um restaurante. "Mantendo-lhe o corpo e limpando a alma".

A Casa Vinícola, projectada com o foco de conter uma área de exposição sobre os vinhos verdes, desde as casta usadas, até ao engarrafamento do mesmo. É implantada de forma a manter um certo afastamento da pré-existência, dando a oportunidade de valorização dos dois edifícios, individualmente mas também como um todo, através da complementaridade dos seus usos.

Juntando estes dois edifícios e a requalificação do terreno envolvente à da Casa dos Arcos, outrora usado com fins agrícolas mas actualmente deixado ao abandono, foi possível valorizar este lugar e assim criar o Centro de Cultura Gastronómica.

Este trabalho, numa primeiro fase, concentra-se numa pesquisa sobre o concelho, sobre o edificado nomeadamente a ruína, de forma a reunir informações e conhecimento que contribuam para a elaboração do projecto final. São estudados casos de estudo, que utilizam diferentes métodos de intervenção numa pré-existência.

A segunda fase, contem as peças desenhadas, necessárias para a compreensão técnica dos edifícios propostos. Onde estão reunidos de forma objectiva, os levantamentos fotográficos e métricos, para dar a conhecer o estado actual da ruína, a ser intervencionada. Assim como os desenhos da proposta da reabilitação da Casa dos Arcos e do novo edifico a Casa Vinícola.

Desta forma, este trabalho pretende ser uma reflexão sobre as diferentes etapas, necessárias a serem percorridas quando existe uma pré-existência. De que forma a arquitectura do presente consegue dialogar harmoniosamente com a arquitectura do passado. Onde se investiga, se aprende, explora e sintetiza elementos de estudo agregados ao acto de projectar.

Abstract

PROJECT FOR A GASTRONOMIC CULTURE CENTER

ARCH HOUSE REHABILITATION

Maria João Coelho Ferraz Pereira

This work aims to create a Center for Gastronomic Culture, through the rehabilitation of Casa do Arcos, a civil housing building, rural character, classified as property of public interest. It has been in ruins for several years. Together with a new building, which houses the Winery House.

The appreciation of ruin is a starting point in this work. That was only possible, through research, readings, reflections and a close look at pre-existence, in order to make a good survey, being essential to have as much information as possible about the ruin. So that in the project, it was possible to adapt the pre-existence to a new use, from being housing to a bar and a restaurant. "Keeping your body and cleansing your soul."

The Winery House, designed with the focus of containing an exhibition area on green wines, from the used grape varieties, to its bottling. It is implemented in such a way as to maintain a certain distance from pre-existence, giving the opportunity for the valorization of both buildings, individually but also as a whole, through the complementarity of their uses.

Bringing together these two buildings and the restoration of the surrounding land to that of Casa dos Arcos, once used for agricultural purposes but currently abandoned, it was possible to enhance this place and thus create the Center for Gastronomic Culture.

This work, in a first phase, focuses on a research about the county, about the building, namely the ruin, in order to gather information and knowledge that

contribute to the elaboration of the final project. Case studies are studied using different intervention methods in a pre-existence.

The second phase contains the designed pieces necessary for the technical understanding of the proposed buildings. Where are gathered objectively, the photographic and metric surveys, to make known the current state of the ruin, to be intervened. As well as the drawings of the proposal for the rehabilitation of the Casa dos Arcos and the new building the Casa Vinícola.

Thus, this work is intended to be a reflection on the different steps, necessary to be taken when there is a pre-existence. How can the architecture of the present dialogue harmoniously with the architecture of the past? Where one investigates, learns, explores and synthesizes elements of study added to the act of designing.

OBJECTIVO

O Objectivo deste trabalho foca-se na análise de uma pré-existência, que se encontra em estado de ruína, sendo objecto de estudo e investigação. Que levanta questões, como é possível conjugar a pré-existência com a nova construção, o novo uso, de forma a que sejam respeitadas as memórias agregadas a essa ruína? Questões como esta, motivam a uma investigação e desenvolvimento teórico, essencial para a procura de respostas.

Fazendo reviver na contemporaneidade, um edifício antigo, de caracter rural, através da sua adaptação para um novo uso. Requer por em prática um exercício de reflexão e estudo, de forma a entender quais as estratégias de intervenção que devem ser tomadas. Assim, encontrar um ponto de equilíbrio entre o antigo e o novo, adicionar novas memórias, às memórias existentes.

Um levantamento, detalhado e pormenorizado da ruína e o reconhecimento do lugar, são indispensáveis para um intervenção deste tipo. Após feito este levantamento, é notório que há a necessidade de criar mais área útil habitável, assim nasce um novo edifício.

E com ele novas questões, como criar um contraste entre um novo edificado, com novas formas de construir, com uma diferente arquitectura, sem que não entrasse em conflito com a pré-existência. Como estabelecer uma ponte de ligação entre ambos. A procura destas respostas, são também um objectivo deste trabalho.

ÍNDICE

1 - Introdução 17

2 - Enquadramento Territorial 19

2.1. Contexto 19

2.2. Local 23

3 - A Rota dos Vinhos Verdes 25

4 - Tipologia e Carácter da Arquitectura 27

4.1. O Edificado 31

5 - Casos de Estudo 35

5.1. Reconstrução de Sequeiro 35

5.2. Casa Quinta da Cavada em Briteiros 37

6 - Proposta 39

6.1. O Conceito e as Memórias 39

6.2. O Programa 43

6.2.1. Pré-Existência 45

6.2.2. Novo 49

7 - Conclusão 51

8 - Bibliografia 53

9 - Anexos 59

1- Introdução

Este trabalho tem como tema, Projecto para um Centro de Cultura Gastronómica, que surgiu após a iniciativa de intervir na minha terra natal Marco de Canaveses, como forma de contributo e pondo assim em prática os conhecimentos que fui adquirindo ao longo do meu percurso académico.

A escolha deste tema, centrou-se na tentativa de entender qual o papel de uma ruína, uma pré-existência em um projecto de arquitectura. Quais as diferentes filosofias de intervenção é que podem ser tomadas, como manter os valores e as memórias de algo que se foi degradando com o tempo, como o potencializar, dando-lhe um novo uso, uma nova função.

O caso de estudo, a ruína, é a Casa dos Arcos, que demonstra ter muitas potencialidades de forma a adquirir uma nova função, voltando a ter actividade e usos. Para isso é essencial o conhecimento do lugar, da obra e da sua história.

"A arquitectura é sempre a relação de um património herdado (em sentido lato) com um património que se cria, é, portanto, um património em transformação, em construção."[1]

Numa primeira fase do trabalho é feita uma pesquisa sobre o enquadramento do território em que se insere, assim como uma primeira aproximação ao edificado Casa dos Arcos. Seguindo, o estudo da tipologia e o carácter em que se insere, de que forma pode ser estudado, que história traz consigo e que valores arquitectónicos contem.

São analisados casos de estudo, de diferentes pré-existências e diferentes atitudes de intervir, assim como diferentes programas, de forma a entender os possíveis caminhos a seguir.

Por ultimo são abordados os elementos da proposta, a que solução chegou este trabalho e de que forma se desenvolveu. Onde é explicado o conceito, o programa e descritas as soluções construtivas e espaciais.

"O trabalho de restauro, reconstituição ou reabilitação decorrerá sempre de um processo de interpretação de uma determinada situação preexistente"[2]

---

[1] Alarcão, Pedro - 2018, Construir na ruína. Entre a reconstituição e a reabilitação p.7

[2] Alarcão, Pedro - 2018, Construir na ruína. Entre a reconstituição e a reabilitação p.9

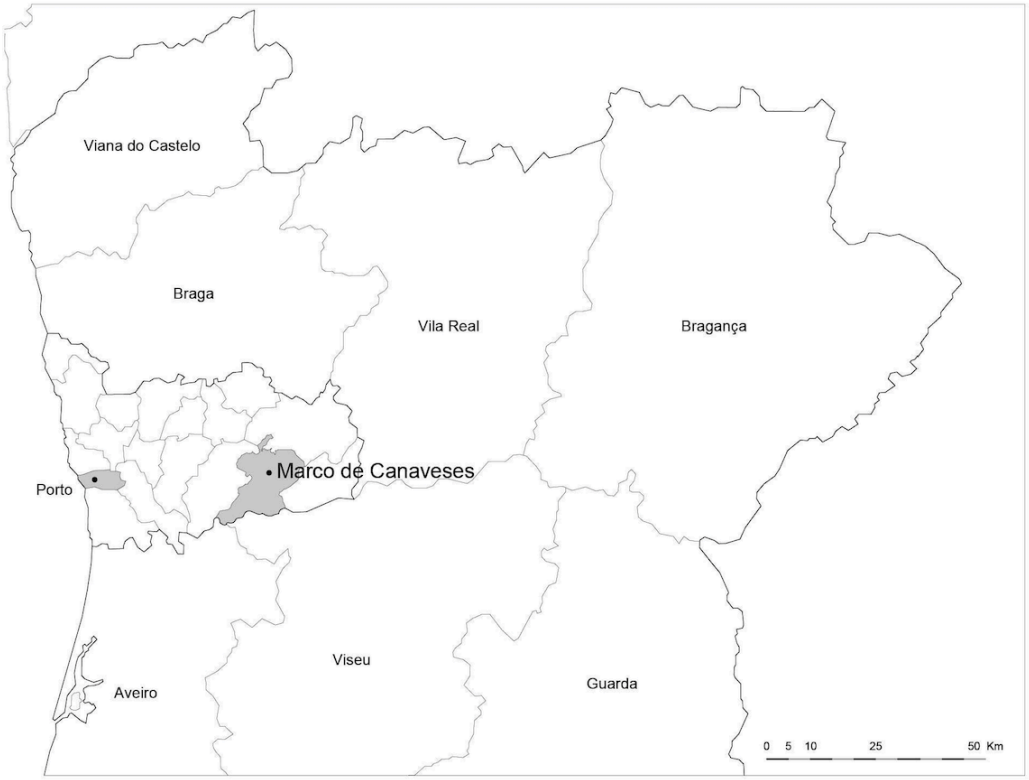


Fig. 1 Localização Territorial - Integração no distrito



Fig. 2 Divisão do concelho

2 - Enquadramento Territorial

A análise do contexto territorial e local, torna-se indispensável para a compreensão do lugar onde se está a intervir. Esta análise é feita com o propósito de entender questões económicas, sociais, culturais e geográficas.

2.1 Contexto

A Cidade de Marco de Canaveses pertence ao distrito do Porto, Região Norte de Portugal. É delimitada pelos seguintes municípios, Amarante a Norte, Baião a leste, Cinfães a sul, Castelo de Paiva a sudoeste e por Penafiel a oeste. Os seus elementos naturais, também formam uma separação, o Rio Tâmega que contem um percurso de nordeste para sudoeste separa-o do Município de Penafiel, e o Rio Douro, de curso este para oeste, limita o concelho a sul, criando a separação dos Municípios de Cinfães e de Castelo e Paiva.

Marco de Canaveses é constituída por uma superfície de 201,9km2, após a reforma de 2013, subdivide-se em 16 freguesias, sendo que anteriormente o município continha 31 freguesias. Quanto aos habitantes, de acordo com os censos de 2011 são aproximadamente 53 mil habitantes. O concelho contem a Cidade de Marco de Canaveses e a Vila de Alpendurada, embora a sua sede seja a Cidade Marco de Canaveses desde 1852.

Esta cidade caracteriza-se pelo seu forte relevo, atingindo em certas áreas altitudes entre os 200 a 600 metros, esses valores são superados na Serra da Aboboreira e Montedeiras, onde atingem nomeadamente 960 a 638 metros. A população local tem o costume de dizer, que esta Cidade encontra-se "entre o Douro e o Tâmega, onde começa o Marão", pois no seu concelho vizinho de Amarante, encontra-se a Serra do Marão.

Os rios, transformam-se em agentes motivadores de recursos económicos, devido à exploração hidroelétrica, com as barragens do Carrapatelo, no rio Douro e a barragem do Torrão, no rio Tâmega. Foi possível criar espaços de lazer, como por exemplo praias fluviais, que deram origem a actividades de caracter náutico, como a canoagem, a valer e a pesa. A criação destes espaços estão directamente ligados à construção das barragens, pois com o enchimento das margens, subindo o leito dos rios foram geradas grandes albufeiras.

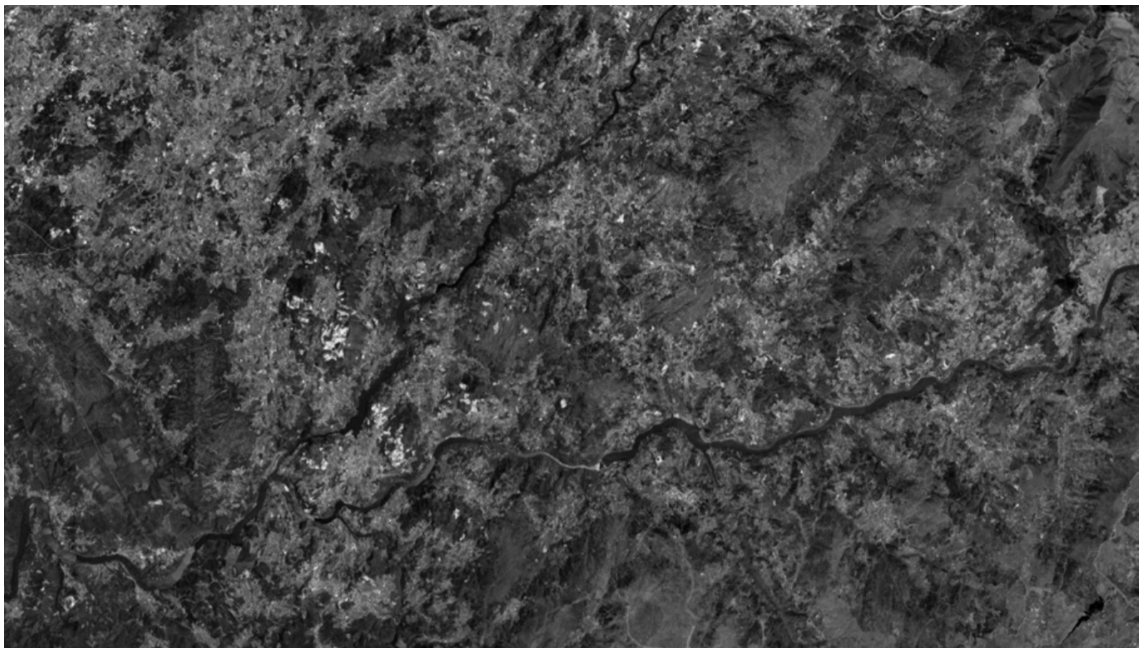


Fig. 3 Ortofotomapa - Marco de Canaveses

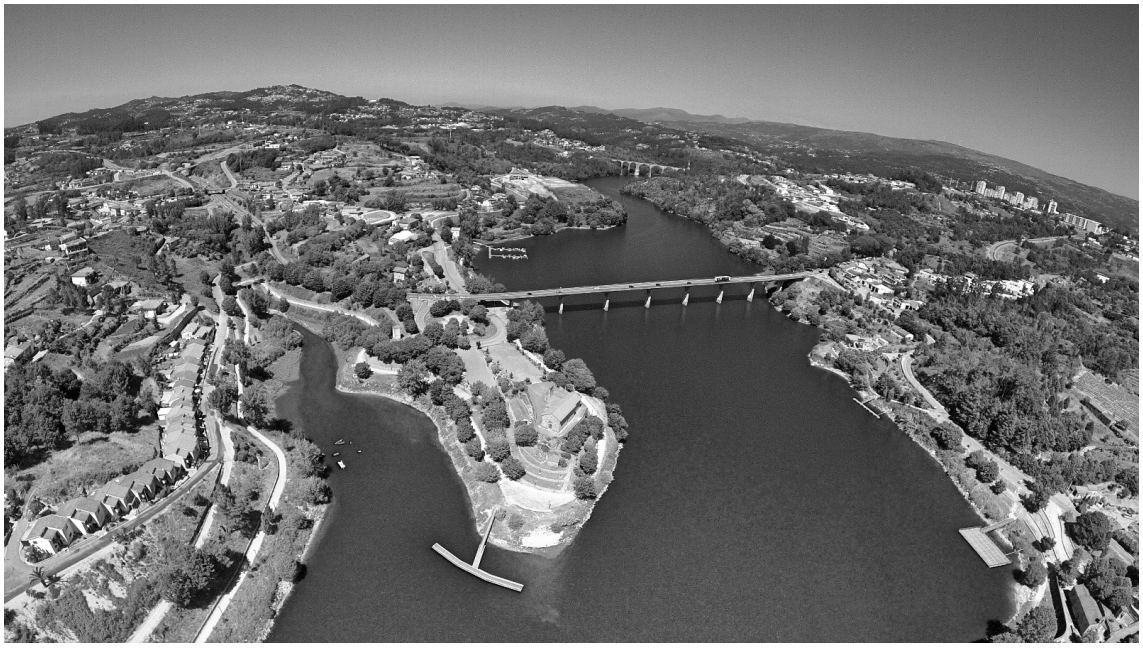


Fig. 4 Cidade do Marco de Canaveses

Quanto à sua biodiversidade, esta é bastante rica e diversificada, muda tendo em conta as características fisiográficas do relevo e os objectivos que pretende alcançar. Na sua paisagem é possível ver afloramentos rochosos, compostos maioritariamente por granito, consoante a sua altitude estes intensificam-se tornando a paisagem mais bruta e expressiva. A flora é composta na sua maioria por pinheiros-bravos e bouças de carvalhos, nas áreas de maior altitude encontram-se espécies arbustivas, como urzes, giestas e carqueja. É importante realçar que os terrenos cultivados e de pasto, marcam bastante a sua paisagem tendo em conta a sua dimensão e a quantidade. Como esta região apresenta uma forte rede hidrográfica, são inúmeras as linhas de água existentes, onde está presente uma vegetação mais densa composta por amieiros, freixos, choupos e salgueiros.

O seu sector industrial é marcado fortemente pela exploração granítica. Existem várias pedreiras no município, na sua maioria concentradas, essencialmente na freguesia de Alpendurada e Matos. Esta exploração do granito traz consigo a marca da paisagem do território, alterando os vales. Sendo o granito um material que marca quase presença obrigatória na construção. Outros pontos fortes do sector industrial do município, são a construção civil, a têxtil e a metalúrgica. Embora a maior taxa de emprego se encontre no sector dos serviços.

A agricultura desempenha um papel importante na Cidade do Marco de Canaveses, embora contribua para o desenvolvimento, esta, está ligada essencialmente para consumo próprio. Mas é tão grande a sua escala que a torna caracterizadora da paisagem. Desta forma a protecção dos modos de produção da agricultura biológica e dos produtos tradicionais é maior. Desenvolvem-se actividades complementares como as unidades de turismo rural, a cinegética e a apicultura.

Marco de Canaveses integra a Região de Turismo da Serra do Marão, faz parte das áreas turísticas provocais do destino do Porto - Norte de Portugal, subárea Tâmega. O turismo é um dos sectores que apresenta um bom crescimento nas ultimas décadas, que influencia directamente o desenvolvimento económico. A sua proximidade à Área Metropolitana do Porto, contribuiu neste crescimento turístico, aliado ao património vernacular, aos diversos elementos naturais, montanhas, rios e arvoredo, a Rota dos Vinhos Verdes e a Rota do Românico. São diversos os monumentos de interesse público presentes por todo o concelho, os dólmenes, os castros, os monumentos românicos, a cidade romana de Tongobriga, a fachada barroca das ‘Obras do Fidalgo’ e a Igreja de Santa Maria, do arquitecto Álvaro Siza Vieira.

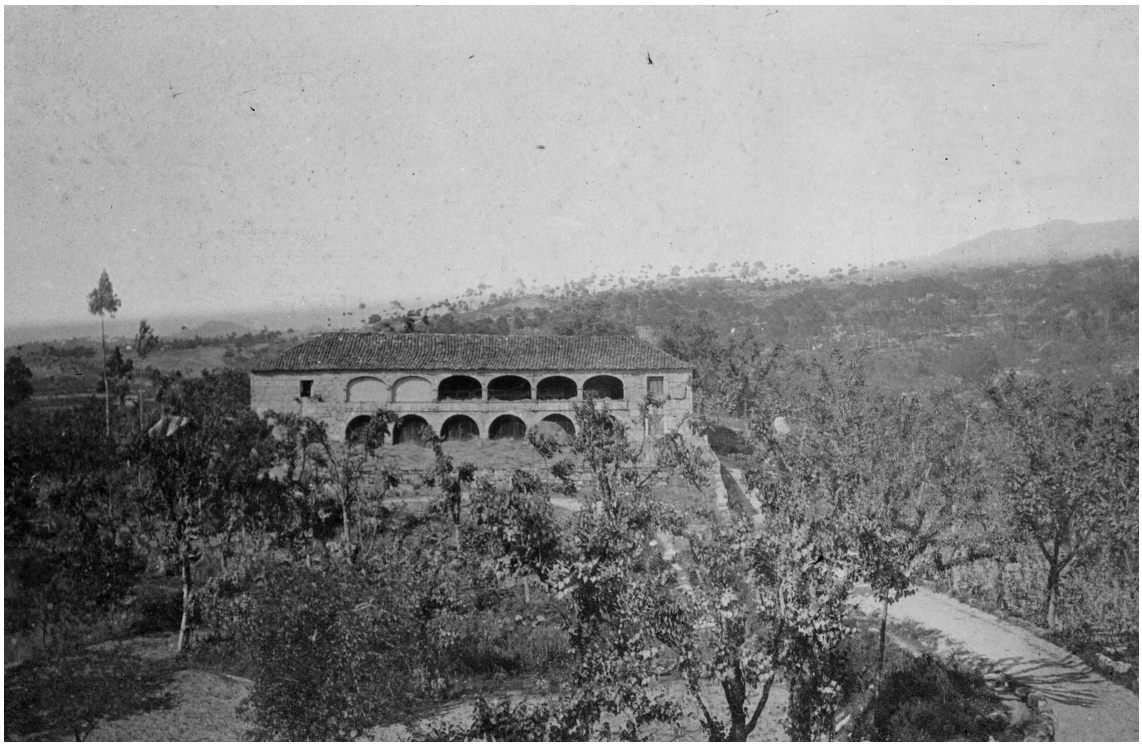


Fig. 5 Casa dos Arcos - Anos 20

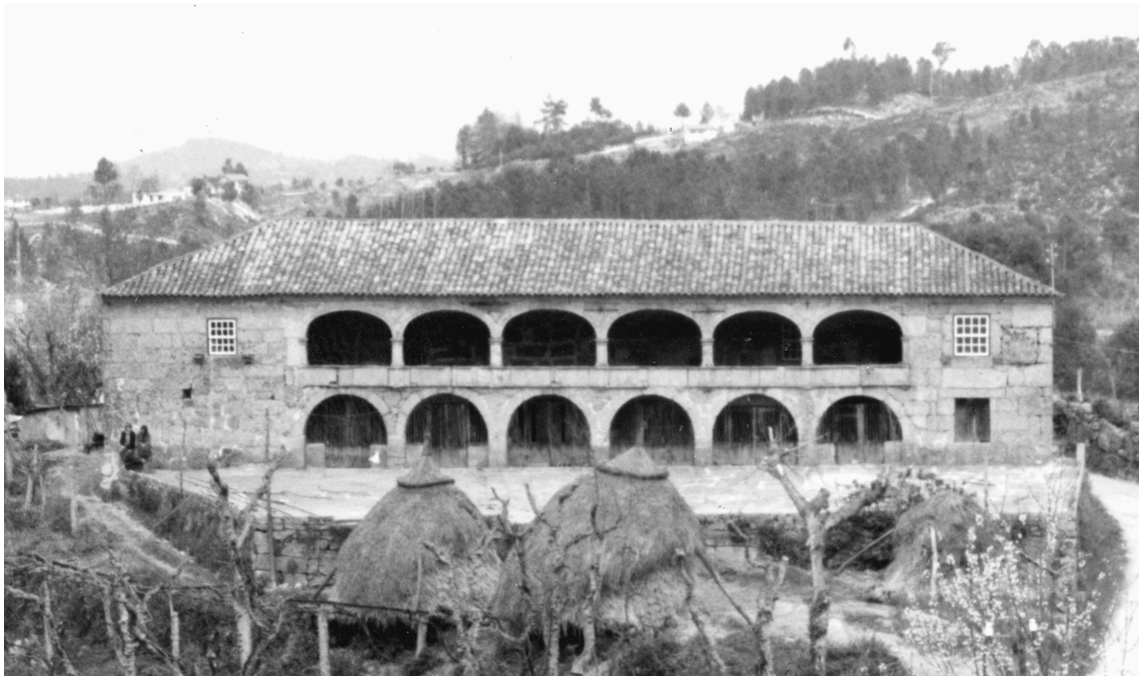


Fig. 6 Casa dos Arcos - Anos 70

2.2 Local

A Casa dos Arcos, situada na freguesia do Marco (antiga freguesia de Rio de Galinhas, pelo qual ainda é mais conhecida), é Imóvel de Interesse Público classificado pelo decreto nº. 129, de 29 de Setembro de 1977. A sua designação primitiva foi Casa do Outeiro, posteriormente, o nome Casa dos Arcos foi adoptado pela população, devido à sua configuração arquitectónica. Através de alguns documentos há anos existentes na Casa de Sarnadado (1700), da mesma freguesia, foi possível concluir que o terreno onde foi edificada pertenceu a Baltazar de Bulhões. Foi vendido ao Convento de Almoster, que por sua vez, se aforou a Francisco Pires e mulher, em seguida o prazo passou para Manuel de Castro, em 18-06-1639.[3] Se este foi o fundador da Casa dos Arcos, não documentação que o prove.

Construída no século XVII (não havendo confirmação, nem documentação da data), passa por inúmeras alteração, até chegar à forma que tem actualmente. Começou por ser um só corpo rectangular, uma simples construção de pedra granítica, direcionada para a sua função rural. Crescendo com o passar dos anos e dando respostas as diferentes necessidades de quem a habitava, até ter a sua forma actual em "L". Uma vez que não há documentação sobre a casa, estas fases de construção não se encontram datadas, embora seja visível pela sua construção, quando se estuda o edificado. A eira, constitui um elemento de destaque e de forte presença, de grandes dimensões ocupa toda a frente da casa. O piso de rés-do-chão contém cortes de animais e a adega com lagar. O seu pé direito é baixo e muito irregular, sendo o seu piso na sua maioria (em excepção da adega) em terra batida. A cozinha está localizada numa cota intermédia entre os dois pisos, tendo em consideração que a casa esta sobre um monte rochoso, tem-se, em suposição, que não foi possível, à época da sua construção, coloca-la à cota do piso de rés-do-chão. Por sua vez, o 1º piso é o piso nobre, onde se encontra a sala, os quartos e instalações sanitárias. Actualmente, a Casa dos Arcos, encontra-se em ruínas, não sendo possível visitar alguns espaços, desta forma não se consegue concluir quais as suas funções.

A pedra d'armas existente na Casa, foi para ali trazida e adaptada, vários anos após a construção da Casa, não fazendo parte do projecto inicial. O seu encaixe foi forçado e mutilou levemente o próprio brasão. Terá sido lá implantado por Fernando

[3] A. Sanhudo, 1992/1993 - Heráldica Marcoense +Casa do Outeiro+ (Vulgo Casa dos Arcos)



Fig. 7 Brasão da Casa dos Arcos

d’Almeida Azevedo e Vasconcelos, no século XVII, talvez por transferência de outra casa sua, num outro concelho. O escudo é de formato ponteado, à maneira francesa, embora seja heráldicamente desproporcionado. Contém uma águia de asas adossadas sobre um elmo, este totalmente tarado à direita, com três gradizelas visíveis. Os seus ornamentos são muito curiosos e envolvem exteriormente todo o escudo, contudo tem um significado, subjacente à mera expressão artística. É uma pedra vulgar em trabalhos da época, não expressa a simbologia das cores e dos esmaltes.

4 - A Rota dos Vinhos Verde

Os Rios Douro e Tâmega envolvem o concelho do Marco de Canaveses, com as suas albufeiras do Carrapatelo e do Torrão. A sua paisagem é marcada por maciços verdes, que contem uma diversidade de microfilmas oriundos de inúmeros vales, rios e riachos, que serpenteiam por entre as encostas situadas a baixa altitude. Inserida na Região Demarcada dos Vinhos Verdes, a sub-região de Marco de Canaveses , tem uma longa tradição na cultura da vinhas. O clima atlântico, caracterizado por invernos muito chuvosos e verões relativamente secos e quentes, mas com amplitudes térmicas que se fazem sentir na região, aliado às condições naturais do solo, tipicamente granítico, conferem uma textura de base arenosa com excelentes propriedades de drenagem, muito útil e favorável à qualidade singular das uvas. Resultando assim, em vinhos brancos que apresentam aromas especialmente frutados. As castas Arinto, Azal e Avesso são as que dominam a paisagem dos vales, tendo neles o seu berço, surgindo ainda a Trajadura, o Loureiro e o Alvarinho. São estas as castas, utilizadas para a produção de vinhos brancos. Quanto aos vinhos tintos, as castas são o Vinhão, Azal tinto e o Barroçal. O Padeiro e o Espadeiro são as castas usadas para o vinho rosé. Actualmente a Rota dos Vinhos Verdes, é um ponto de interesse turístico, explorado e valorizado no concelho do Marco de Canaveses. Existem dezoitos produtores de vinho verde no concelho, muitos deles premiados nacionalmente e internacionalmente. Muitos desses produtores permitem que sejam feitas visitas, às vinhas e adegas onde os seus vinhos são produzidos, havendo um elemento interesse da parte do publico conhecer o processo do vinho, desde a plantação das castas, à apanha da uva e ao produto final, o vinho.

4 - Tipologia e Carácter da Arquitectura

Para compreender a Casa dos Arcos é necessário entender o tema da arquitectura civil, de que forma esta se desenvolveu, quais as suas variantes e como evoluiu ao longo dos séculos, de acordo com as necessidades do homem. Torna-se necessário frisar que de facto, o que melhor caracteriza a residência nobre não é o grande palácio, mas sim a casa simples e singela, que traz consigo as possibilidades e as limitações dos construtores, são estas condicionantes que ajudam a entender o estilo de vida dos portugueses. "A casa é um documento autêntico da vida do homem — documento de pedra e cal, mas de extraordinária importância para estudarmos os costumes, a evolução do gosto e da vida social."[4]

O autor Carlos Azevedo refere no livro, Solares Portugueses que "A casa nobre é, de facto, uma entidade pouco conhecida na nossa arquitectura e, ameaçada como está - tal como a casa urbana - pelo camartelo da destruição".[5]

A casa nobre de caracter mais rural, ou seja, que está inserida num meio não urbano, na sua maioria está ligada à agricultura. Embora algumas, tenham sofrido alterações quanto ao local onde se inserem, pois com a evolução da sociedade, vem também a evolução das cidades e casas que outrora estavam implantadas no meio rural, hoje veem-se rodeadas por novos edifícios que respondem às necessidades da sociedade actual. Mas o seu novo contexto urbano, em nada interfere com a essência da casa nobre, que continua assim a transmitir os seus valores e a evolução do lugar. Este fenómeno está presente na freguesia em que se situa a Casa dos Arcos, que hoje é rodeada por novos edifícios e equipamentos.

As alterações que a casa sofre, não passam só pelas alterações da envolvente, a própria construção sofre alterações, como ampliações, restauros e transformações no seu interior e exterior. Tendo em conta que são habitações antigas, por vezes de diferentes séculos e atravessam gerações com necessidades diferentes, conforme vão mudando a sua habitação torna-se reflexo disso. Daí essas alterações serem variadas, embora sejam na sua maioria no interior, podem ir desde a ampliação das salas, à construção de instalações sanitárias, acrescentar um andar ou até mesmo uma ala inteira. Ainda assim, há edifícios que mesmo alterados, conseguem preservar a sua essência e o seu carácter. Podemos obter indicações dessas alterações, através da qualidade do material, da cor, da interpretação das formas e

[4] Carlos Azevedo, 1988 : Solares Portugueses, p.13

[5] Carlos Azevedo, 1988 : Solares Portugueses, p.11

do acabamento. É necessário dar especial atenção aos elementos decorativos, pois estes podem induzir em erro a interpretação da evolução da casa.

Em suma, para a análise da casa ser o mais fiel e correcta possível, mais importante que ver é compreender o edifício.

Em Portugal, as casas de épocas mais remotas são cada vez menos. Num contexto rural desapareciam com mais facilidade, por causa dos materiais com que estas eram construídas, materiais como adobe e a madeira, frágeis e pouco duradouros. Já num contexto urbano, a causa não é a materialidade mas sim as constantes substituições que são feitas. No que diz respeito à casa nobre, é visível a presença de um maior esforço artístico. É com a torre que nasce a história da casa senhorial, sendo no Norte do País, na região do Douro e Minho, que estão presentes os primeiros exemplos deste tipo de construção, mais tarde vem a influenciar de forma directa a casa portuguesa. Há uma tendência para confundir estas torres com castelos, pela arquitectura militar presente, mas a casa-torre é algo bem distinto a um castelo, mesmo sendo construída fielmente à torre de menagem.

A sua adaptação de torre para habitação, consiste num processo que inclui diferentes áreas, desde organização política até ao abrigo do homem. A organização política, na época medieval exigia um núcleo forte onde o rei e os senhores pudessem abrigar e reunir. O Castelo, construção real ou nobre, nasce através dessa necessidade, dividindo assim as suas funções entre fortaleza e moradia. Como fortaleza representava o elemento vital da defesa das vilas e cidades, como moradia, caso fosse a habitação do nobre, era deste modo o local de refugio para as populações. As suas características arquitectónicas, foram ditadas pela sua função de fortaleza, muralhas altas e espessas, com poucas aberturas. Inicialmente de planta simples, com o tempo foi evoluindo e tornando-se cada vez mais complexa. É no século XI que surge entre as restantes construções, a torre de menagem, que continha uma planta quadrada ou rectangular e de particular importância, sendo a parte mais permanente e segura.

A torre de menagem destinava-se também para habitação e distingue-se das outras através das suas maiores dimensões. Era lugar de assembleia e de refugio em caso de assalto, autenticas casas fortificadas. Uma vez terminada a tarefa de reconquista, a torre passa a ter um papel de simbolismo senhorial, sendo este o mais nobre e evidente sinal do senhorio sobre uma terra. Com o passar do tempo, estas mostram que eram insuficientes para servirem de habitação, daí desde muito cedo se tenha desenvolvido outras construções que embora, no inicio, agregadas à torre, iriam a pouco e pouco tornar mais complexa a casa senhorial.



Fig. 8 Casa dos Arcos. Fotografia do autor

Inicialmente a casa era constituída por uma ala residencial adossada a uma torre, ou a casa que adopta duas torres e um corpo de ligação ou ainda, a casa em que a torre ocupa posição central. Na arquitectura civil, no Norte do País a casa senhorial continua a repetir até muito tarde as torres medievais, surgem elementos renascentistas que apenas desempenham um papel secundário sem que a estrutura da casa sofra alterações.

Com a chegada da época renascentista, a casa nobre vai sofrer significativas modificações, embora tenha sido utilizado inicialmente em grandes construções, chega a edifícios que mantinham uma tradição medieval. A arquitectura adquiria assim uma nova expressão e os construtores portugueses demonstraram um grande interesse pela estabilidade estrutural da arquitectura renascentista, aceitando as suas novas formas. Na arquitectura doméstica, tanto arquitectos como construtores continuam pelo século XVI ligados às tradições da casa nobre medieval, utilizando o novo estilo apenas como forma de ornamentação sempre muito sóbrio.

No século XVI em Portugal surgem novos elementos arquitectónicos, a coluna clássica, a pilastra e em combinação com as colunas surgem os arcos de volta perfeita. Estes elementos agora usados com capitéis das diferentes ordens, tornam-se uma das características do ressurgimento clássico. É também utilizada uma versão mais simples da *loggia*, ou galeria, sem arcada, estando presente apenas a colunata que sustenta a aba do telhado, dando assim origem às extensas varandas que caracterizam inúmeras casas portuguesas.

Mesmo com estes novos elementos, em Portugal principalmente no Norte, foi sempre notório o apego a certas formas arquitectónicas tradicionais. Desta forma é possível a persistência de certos tipos de habitações que aparentam sair directamente da tradição medieval.

4.1 O Edificado

É sobre este contexto que se insere a Casa dos Arcos, que após entendida a evolução da arquitectura civil, é perceptível que apresenta uma planta medieval mas uma fachada com elementos renascentistas. A presença de doze arcos são a prova disso, sendo seis de volta perfeita no pórtico presente no piso térreo, que estava ligado directamente à agricultura e seis arcos abatidos no piso nobre. Estes doze arcos dão à Casa um carácter muito particular, assim como a sensação de

leveza e ritmo, criando um contraste com as suas paredes exteriores espessas em granito.

Os dois níveis da arcaria são separados por um murete baixo e liso, à excepção de um emolduramento composto por duas finas molduras salientes em caveto, que servem de resguardo à ampla galeria corrida do piso superior. Os arcos do piso térreo partem de grossos e liso pilares, já no piso nobre é visível um maior cuidado, pois contem pilares mais adelgaçados e ornados ao nível do arranque por singelas e sobressalientes impostas talhadas em caveto.

Nas extremidades da fachada principal estão presentes dois curtos corpos, apenas vazados por duas janelas quadrangulares com pequenas mísulas no piso nobre, embora numa das extremidades exista uma terceira janela no piso térreo. É nessa mesma extremidade, que se encontra presente na parede de granito, a pedra de armas, onde tudo indica que foi lá colocada muito após a construção da Casa.

A Casa dos Arcos apresenta uma planta em L, mesmo permanecendo desconhecida por falta de documentação, a data exacta da sua construção, é perceptível que originalmente possa ter sido rectilínea, pois há indícios que a pequena ala transversal pode corresponder a um acrescento. Há incertezas em relação ao século em que a casa foi construída, tanto se especula que possa ser de finais do século XVI como de inicio do século XVII.

Como referido anteriormente, o piso térreo era de uso agrícola e o elemento que melhor o comprova é a ampla eira lajeada a granito orientada a noroeste-sudeste, este elemento é dos mais caracterizadores da Casa, em que é transmitida a sua essência e ligação rural. A eira é um elemento arquitectónico muito marcante de arquitectura rural no Norte do País, que remetia no seu todo para a ligações agriculas.

Quanto ao seu interior, que se encontra muito degradado, é ainda possível determinar certos espaços que mostram a sua planta medieval, com a ante-câmara e a câmara. Em três vãos do piso nobre estão presentes namoradeiras e um antigo lavatório com carranca em cantaria granítica, embutido na parede. Mas são inúmeras as alterações que o interior sofreu com o passar dos anos, onde forem criados novos espaços que eram necessários para uma melhor qualidade habitacional. Não tornando claro o seu desenho original e qual a ordem exacta dessas alterações.



Fig. 9 Reconstrução de Sequeiro



Fig. 10 Reconstrução de Sequeiro

5 - Casos de Estudo

5.1 Reconstrução de Sequeiro

Reconstrução de Sequeiro, Guimarães, 2002- 2005 | Arq. José Gigante

Este projecto localizado em Guimarães, nasce com um sequeiro situado numa área de um terreno vendido, em que o proprietário pretendia que este fosse transferido para um novo local, de forma a transformá-lo numa habitação própria permanente. Uma vez que a dimensão do mesmo não permitia que tal deslocamento fosse possível, restou somente duas hipóteses, a total e absoluta fidelidade ao preexistente, com a obrigatoriedade de um acrescento ou então, uma reinterpretação do sequeiro num novo modelo, mas que preservasse a sua essência. Sendo esta última, a opção escolhida pelos arquitectos, renascendo assim o novo sequeiro.

Ao desenho dos quatro módulos preexistentes foram acrescentados mais dois módulos, e foram aproveitadas algumas das peças de granito resultantes de outras demolições. Para que a essência do sequeiro fosse mantida, como referi no parágrafo anterior, manteve-se a parede estrutural de granito como elemento estrutural, embora no piso elevado e na cobertura tenha sido utilizada uma armação mista de aço e madeira.

Quanto à fachada principal, estão presentes doze vãos, onde se encontram portadas em ripado de madeira. Estas portadas assumem um papel muito importante no projecto, contendo variadas funções. Além de ser uma forma de reinterpretar os planos de ripado de madeira presentes nos vãos do velho sequeiro, mostram também uma renuncia à adopção literal do preexistente. Elas procuram responder a exigências de funcionalidade e conforto, para esse efeito, está inserido um contra-ripado corrediço que proporciona uma melhor ventilação e contribui para que a leitura da fachada contenha subtis variações de luz.

Para além das funções anteriores, as portadas assumem uma função de protecção dos planos envidraçados, que se encontram recuados. Esse recuo é dimensionado para a recolha das folhas móveis das portadas exteriores e para evitar o encontro directo do plano envidraçado com a estrutura de granito.



Fig. 11 Casa Quinta da Cavada



Fig. 12 Detalhe da Casa Quinta da Cavada

A peça de maior destaque deste projecto, é a eira lajeada a granito, como o arq. José Gigante, autor do projecto refere, *"Directamente articulado com a nova eira lajeada a granito é esse espaço, afinal, protagonista central da experiência arquitectónica, sem o qual nada do resto teria sentido"* [6].

Esta eira lajeada a granito é um dos principais motivos, para a escolha desta obra como caso de estudo. Na Casa dos Arcos, a eira existente é interpretada como uma peça fundamental no projecto de reabilitação, pelo simbolismo histórico e funcional que representa. A atitude projectual do arquitecto José Gigante foi também motivo de interesse, pois procura encontrar um equilíbrio entre respeitar a essência da pré-existência e a resposta à nova função.

5.2 Casa Quinta da Cavada em Briteiros

Casa Quinta da Cavada em Briteiros, Guimarães, 1989 - 1990 | Arq. Fernando Távora

A casa da Cavada localiza-se a norte de Portugal, em São Salvador de Briteiros, Guimarães, implantada à cota baixa, no sopé da citânia de Briteiros, povoação de origem celta romanizada. A sua data de construção, só foi descoberta através de um estudo aprofundado do arquitecto Fernando Távora, que concluiu ter sido construída em 1650. Pelo facto de ser uma construção rural, é difícil encontrar documentação ou registos explícitos, que ajudem na sua análise. Apenas existia na sua fundação, uma pequena casa de caracter rural, que conforme as necessidades dos que a habitavam e as práticas rurais habituais à época, sofreu alterações pela agregação de outros edifícios. Sendo assim, uma arquitectura simples e funcional, servindo um propósito, que condiciona a sua forma arquitectónica. A sua organização é típica de uma casa solarenga, engloba geralmente, a casa principal, os campos agrícolas ou terrenos não trabalhados mas que pertencem à propriedade, equipamentos de apoio aos campos agrícolas e a casa do caseiro.
O arquitecto Fernando Távora, recebeu a proposta de intervir na Casa da Quinta da Cavada, de forma a dar-lhe um continuidade e reutilizando-a para dar lugar a uma casa de férias. A sua abordagem em relação ao objecto arquitectónico é muito

[6] Gigante, José - 2008 : Habitar, p.73

discreta, pois respeita ao máximo a preexistência de forma a manter preservada a sua união com a natureza. Sem criar uma nova identidade, Távora mantém o carácter original da casa, tornando assim a sua intervenção como uma continuidade do edifício. É através deste gesto, que não existe uma ruptura na linha de vida do edifício, mas sim, uma adaptação ao programa e às condicionantes exigidas pela época da intervenção, sem criar confronto entre o novo e o antigo.

"*A nova casa de férias nasceu, assim, de um acto projectual bem diferente do comum: visitas intensas aos trabalhos, decisões circunstanciais sobre sempre novos problemas com o paralelo esforço de manutenção da unidade do trabalho, pouco desenho de atelier, relação permanente com o dono de obras e com as várias artes da construção*"[7].

6 - Proposta

6.1 - O conceito e as memórias

A escolha do tema, passou por um processo de investigação dos equipamentos e áreas existentes na cidade do Marco de Canaveses, a nível de saude, educação, cultura, transporte, actividades ao ar livre, áreas de lazer. De todos estes serviços, o que apresentava um menor número, era o sector da cultura, existindo apenas a biblioteca municipal e o Museu Carmen Miranda, cuja as instalações são de pequenas dimensões e pouco apelativas, por este motivo o município decidiu criar um novo edifício, para o qual tem projecto aprovado, que abrange estes dois serviços, de forma a motivar a sua utilização da parte do publico. Desta forma, é visível o interesse da Cidade em melhorar os equipamentos ligados à cultura.

Algo que caracteriza a Cidade do Marco de Canaveses é a sua gastronomia e os seus vinhos, motivos que trazem turistas a conhecer a cidade, que se localiza nas proximidades da cidade do Porto. A prova disso, é a existência da Rota dos Vinhos Verdes, muito característicos desta região, cuja as suas vinhas fazem parte da paisagem e acompanham os pratos típicos. É também, um sector importante na economia do concelho, uma vez que existem dezoito produtores de vinho, que participam em inúmeros concursos nacionais e internacionais, inclusive sendo vários deles premiados, trazendo consigo visibilidade para o concelho.

[7] Costa, Alexandre Alves, 2005 - Arquitectura Portuguesa p.14



Fig. 13 Adega dos meus pais. Fotografia do autor



Fig. 14 Adega dos meus pais. Fotografia do autor

Por sua vez, a gastronomia, segue o mesmo percurso. É um factor de divulgação e que a Cidade usa para se promover. Vários restaurantes locais ganharam o prémio de gastronomia tradicional com o prato típico, arroz de forno e anho, confecionado a forno de lenha. Assim como os Doces do Freixo conhecidos internacionalmente pelos amantes da pastelaria, são confeccionados pela Casa dos Leiteirões, que iniciou a sua actividade gastronómica em 1819, completando assim 200 anos de existência. As Fatias do Freixo, são as mais famosas, sendo uma iguaria que o rei D.Luís I exigia ter nos seu banquetes. Receberam o Selo de Doce Oficial Nomeado às 7 Maravilhas Doces de Portugal e foram homenageados, integrando a nova emissão-base filatélica dos CTT - Correios de Portugal, numa edição dedicada aos Doces Tradicionais de Portugal.

Assim, nasce o tema deste trabalho, integrar a cultura da gastronomia, algo que caracteriza e simboliza a Cidade do Marco de Canaveses. Criar um espaço dedicado ao conhecimento da tradições gastronómicas locais, de forma a quem visite o município tenha uma equipamento que reuna todas as condições para adquirir esse saber.

Surgiu imediatamente a lembrança da Casa dos Arcos, um edifício de habitação, de caracter rural, que se destaca pela sua fachada com doze arcos e uma eira de grandes dimensões. A sua localização foi um motivo forte para a sua escolha, a proximidade ao centro da cidade e à estação de comboios, davam à Casa dos Arcos o acesso essencial para um equipamento de caracter publico.

Começa assim o estudo da Casa dos Arcos, que se encontra em estado de ruína. Inicia-se pelo levantamento, necessário para a reabilitação do edifício, foi sempre feito com muita cautela, pois o estado de degradação dos materiais é avançado e criou muitas dificuldades para a realização do mesmo, alguns espaços da Casa são impossíveis de serem acedidos. Com este levantamento foi possível entender , que era necessário criar mais área habitável, para cumprir o programa do Centro de Cultura Gastronómica.

É criado um novo edifico, a Casa Vinícola, direccionado para a exposição sobre o vinho verde, para dar a conhecer o percurso que este percorre. Desde a casta ao engarrafamento. Algo que faz parte da tradição e que deve ser mantido vivo, para as próximas gerações.

Citando Peter Zumthor *"Cuando me pongo a pensar en arquitectura emergen en mí determinadas imágenes. Muchas están relacionadas con mi formación y con mi trabajo como arquitecto;… Otras imagens tienen que ver con mi infancia;"*[8] No decorrer do processo de trabalho, após refletir sobre a escolha do tema, acho que

[8] Zumthor, Peter - 2017 , Pensar La Arquitectura , p.7

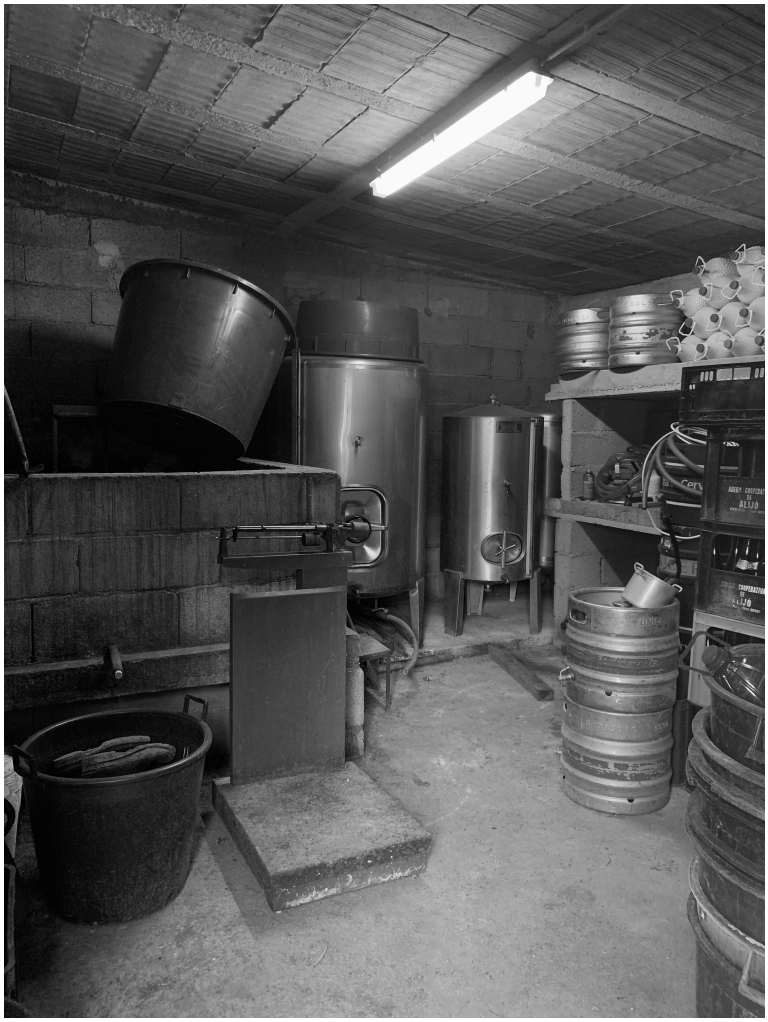


Fig. 15 Adega e o Lagar dos meus pais. Fotografia do autor

involuntariamente, também a mim surgiram imagens da minha infância, da minha formação enquanto pessoa. Memórias, umas bem presentes ainda no meu dia à dia, de quem cresceu numa aldeia. Desde os meus seis ou sete anos, que participo na vindima de casa dos meus pais, quando nova não tinha a consciência do que era o acto de vindimar. Hoje, com os anos que passaram, percebo que vai muito além da simples apanha da uva. É a tradição a manter a união, pois todos os anos, na altura da vindima, a família reuni-se.

Uns dias antes a adega, um lugar que posso caracterizar como frio, apenas com uma abertura protegida por uma grelha que pouca luz deixa passar, onde predominam os diferentes odores, tem de ser preparada, lá estão todos os utensílios necessários para a apanha da uva, os baldes, as tesouras da poda, as garrafas que tampam parte das paredes de bloco de cimento, as grades, os garrafões vazios, as pipas do bagaço da uva.

O lagar, situado num canto da adega, de pequenas dimensões, também ele construído em blocos de cimento, fica limpo para receber a uva. O dia da vindima começa bem cedo, para aproveitar a frescura da manhã, no almoço, põem-se conversas em dia, dão-se risadas, para depois os homens e só os homens pois assim manda a tradição, irem para o lagar pisar os bagos das uvas, onde dançam, cantam e contam anedotas.

É fascinante, como o acto de pensar em arquitectura nos pode trazer memórias, que embora não contendo uma ligação directa, estão de alguma forma relacionadas.

6.2 - O programa

Foi dada importância à harmonia dos espaços, de forma a organizar as áreas que constituem o programa para o Centro de Cultura Gastronómica, para que fosse intuitivo e objectivo.

No exterior, toda a área envolvente à pré-existência foi desenhada, de forma a garantir espaços controlados. O terreno não tinha nenhum acesso automóvel, pois a Casa dos Arcos, está implantada numa extremidade ao lado da rua, trazendo assim a necessidade de projectar um parque de estacionamento que possibilita-se o acesso automóvel, tanto para a Casa dos Arcos como para a Casa Vinícola. São criados percursos pedonais, que permitem, usufruir do ambiente criado pelos maciços arborios e pela linha de água que lá existiam. Dando a sensação de uma atmosfera verde, saudável e agradável ao utilizador. É através desses percurso que é feita a ligação entre a Casa dos Arcos e a Casa Vinícola, citando Siza Vieira *"a relação entre*

natureza e construção é decisiva na arquitectura".[9] Contendo áreas de estar, que permitem o convivo e a contemplação da envolvente assim como dos edificados.

A distribuição do interior da Casa dos Arcos é feita a partir da eira, situada à mesma cota do piso de rés-do-chão, que permite que haja um interação directa entre o espaço exterior (eira) e o interior. O corredor dos arcos, foi mantido aberto, sem qualquer caixilharia, pois este antecede a entrada no edifício, é um espaço de transição e de circulação, pois nas suas extremidades estão localizadas a caixa de escadas e o elevador de acedo ao primeiro piso. De forma a manter esta ligação directa com a eira, existem duas entradas no edifício, a entrada principal dá acesso à recepção e ao balcão do bar, a segunda entrada dá acesso directo à sala do bar. Desta forma a comunicação entre interior e exterior mantém-se harmoniosa, sem conflitos. No piso de rés-do-chão, localiza-se, a recepção, uma área de estar, o balcão do bar, uma copa de apoio ao bar, a sala do bar, instalações sanitárias, a cozinha (copa suja), a arrecadação, a dispensa, o acesso ao exterior das cargas e descargas e as escadas de acesso apenas para os funcionários que ligam os dois pisos. No primeiro piso, está a sala do restaurante, com ligação ao varandim dos arcos, a cozinha (copa limpa), a escada de acesso dos funcionários, instalações sanitárias e um mezzanine que possibilita o acesso a um vaos que contem a namoradeira do pré-existente e o antigo lavatório com carranca em cantaria granítica, situado em cima da sala do bar. No anexo pré-existente, localiza-se os cacifos e o duches dos funcionários, assim como as instalações sanitárias dos mesmos.

Quanto à distribuição interior da Casa Vinícola, esta contem uma recepção, uma área de exposição, sala polivalente, uma sala de reuniões e as instalações sanitárias. A entrada é feita através de um pátio interior que distribui para a recepção e para a sala polivalente.

6.2.1 - Pré-Existência

No primeiro impacto com a pré-existência, foi possível ver que a construção por um lado tinha fragilidades mas por outro apresentava qualidades e potencialidades para manter a intenção da reabilitação. Estava presente na filosofia de intervenção, manter certos valores, como a memória presente na ruína e os materiais usados na mesma.

[9] Siza, Álvaro - 2009, Imaginar a Evidência p.7

A Casa dos Arcos contem uma boa implantação, a sua fachada principal dos arcos está direcionada para Sudoeste, assim como a eira, onde antigamente os cereais entre outros produtos agrícolas, eram colocados para secar, malhar ou limpar. A sua inserção no terreno tem características presentes na arquitectura vernacular.

Foi feito um levantamento métrico, que ajuda-se a conhecer a ruína e a lógica do edificado assim como a sua origem. Desta forma, tornou-se necessário o reconhecimento da sua história e do seu valor arquitectónico. Só assim, foi possível determinar quais as estratégias de intervenção a seguir.

Dando a possibilidade de manter os alçados, fazendo algumas alterações nos vaos para que correspondem-se de melhor forma, ao novo interior, que por sua vez, teve de ser completamente alterado. Continha pés direitos muito baixos (principalmente nas cortes dos animais) e diferenças grandes nas cotas dos pisos. A Alteração do interior tinha de ser feita, de forma a dar resposta a um novo uso, novas funções, criando assim novas potencialidades ao edifício. Foram preservados os elementos arquitectónicos de maior valor, mantendo a identidade da pré-existência.

Não se tratando de um restauro, o uso de novas materialidades, não podia ser excluído, pois uma das principais fragilidades construtivas do edifício, era a estrutura da cobertura. Na verdade, contem duas estruturas, uma delas é da primeira fase da construção, uma vez que inicialmente a casa não continha a fachada dos arcos, a estrutura da cobertura só abrangia um corpo rectangular de menores dimensões. Quando foi acrescentada a fachada dos arcos, tentaram a adaptar a estrutura pré-existente mas tiveram que criar uma nova estrutura que inclui-se a nova fachada.

Em resposta, é proposto que seja feita uma estrutura, com asnas em madeira lamelada colada, que contem uma maior resistência mecânica sendo um material ideial para vencer um grande vão. Com isolamento térmico e impermeabilização, de forma a manter o edifico com ambiente confortável. Foi mantida a telha cerâmica em canudo como acabamento exterior da cobertura.

Quanto as paredes estruturais em granito, foram todas mantidas. Sendo que em nenhuma das paredes de granito, foi necessário colocar isolamento, pois são paredes duplas que vão dos 60 aos 87cm de espessura, tem o acabamento rebocado e pintado. As paredes divisórias interiores, são em tijolo rebocadas e pintadas. A materialidade que compõe a estrutura do piso mantém-se a madeira com o sistema de vigas e o acabamento em soalho, embora, nenhuma das madeira pré-existentes foram mantidas. No piso de rés-do-chão o material de acabamento é o microcimento. Não introduzindo assim, materiais que entrassem em conflito. Mesmo havendo a necessidade de renovar os materiais, foram mantidos os mesmo para que a expressão da pré-existência fosse mantida.

Os vaos compostos por caixilharias de aço, não contem nenhuma ligação com a pré-existência, como muitos deles tiveram de ser alterados, foram-lhes dados novos materiais para que essa alteração fosse presente através do material usado.

6.2.2 - Novo

A criação do novo edifício, partiu do princípio que não poderia entrar em conflito com a pré-existência, mas sim que cria-se harmonia e se complementassem como um todo. A Casa Vinícola, foi implantada numa extremidade do terreno, a uma cota mais baixa, oposta à extremidade onde se encontra a Casa dos Arcos. Este distanciamento entre eles, por um lado dá a possibilidade de serem apreciados individualmente e é notória que a sua utilização tem diferentes usos. Por outro lado, o facto de estarem ligados por percursos pedonais, que percorrem todo o terreno, mostra que podem e devem funcionar como um conjunto, um complementando o outro. Fazendo assim o cheio vazio cheio, uma vez, analisado o todo.

Como a Casa dos Arcos se encontra na maior cota do terreno, de lá é possível ver a Casa Vinícola e a sua cobertura ajardinada, que se torna uma camuflagem. Dando assim a sensação de continuidade e integração com a envolvente. Através do parque de estacionamento, existem ligações pedonais à Casa Vinícola. Assim, é possível aceder ao edifício sem ter de passar, obrigatoriamente na Casa dos Arcos. Tornando os edifícios autónomos entre si.

O programa da Casa Vinícola é pratico e objectivo, como foi em cima explicado. Ela assume todas as funções direcionadas à explicação dos vinhos, de como é feita a sua produção, todo o seu processo. Na área de exposição, que assim como o nome indica, contém painéis informativos, bem como exemplos de utensílios usados na apanha da uva, podendo conter exposições permanentes ou temporárias. Dando hipótese aos produtores de vinho locais, de expor sobre os seus vinhos. A sala polivalente foi desenhada com o intuito de poderem fazer palestras, apresentações ou formações. Na área exterior envolvente, foram colocadas ramadas com as diferentes castas usadas, na produção do vinho verde, para que sejam visitadas.

A Casa Vinícola é desenhada com três pátios internos, o de maior dimensão, localiza-se na entrada principal do edifício, por onde é feita a distribuição para a recepção e para a sala polivalente. Os outros pátios localizam-se na sala de reuniões e na área de exposição junto às instalações sanitárias. Desta forma, os pátios criam um jogo de cheio e vazio, dando uma "leveza" ao edifico de betão à vista, trazendo uma luz zenital a certas áreas.

A parede da sala polivalente, com ligação ao pátio é projectada em vidro, com o objectivo de criar uma visão continua. Embora contenha telas que dão a possibilidade de encerrar o espaço, caso este esteja a ser utilizado de forma a que o excesso de luz não seja conveniente.

Os matérias usados nas paredes exteriores é o betão armado, estrutural, que se encontra à vista pelo exterior. No seu interior o acabamento é feito pelo reboco pintado. As paredes divisórias são em tijolo, rebocadas e pintadas. No piso o acabamento é de microcimento, dando uma continuidade visual entre o exterior e o interior.

"… debemos preguntarnos, incesantemente, qué puede significar un determinado material en un determinado conjunto arquitectónico." Peter Zumthor[10]

7 - Conclusão

A realização deste trabalho, tendo sido um percurso longo, complexo e desafiante, resultou num proposta de intervenção em um contexto anteriormente transformado pelo homem. O acto de intervir numa pré-existência, mostrou ser algo minucioso com vários critérios, fazendo com que cada opção tomada, cada escolha, trouxesse consigo, delicadeza, consciência e também certezas. Pois cada opção, tornava-se uma marca na historia da pré-existência e da sua arquitectura. Tudo isto, com o objectivo e a motivação de chegar a um resultado final, uma solução que se adaptasse ao edifico estudado.

O levantamento da ruína, foi uma peça essencial para que fosse possível, concretizar a realização do projecto, ao mesmo tempo que foi desafiante, foi também motivador, trazendo questões que por sua vez traziam respostas. Este trabalho inclui um processo de uma intensa investigação, sobre a pré-existência em si mas também sobre qual é o papel de uma pré-existência em um projecto de arquitectura.

A reabilitação da Casa dos Arcos traz de novo vida a um edifício perdido no tempo, valorizado por uns mas desconhecido por outros. O Centro de Cultura Gastronómica, traz para a região uma maior valorização dos seus costumes, uma requalificação do espaço, realçando o turismo tão importante para o desenvolvimento e para a partilha do conhecimento, materializando através da arquitectura as suas tradições.

---

[10] Zumthor, Peter - 2017 , Pensar La Arquitectura , p.10

Este trabalho revelou, que um arquitecto está sempre numa constante aprendizagem, será sempre um estudante, aprimorando os seus conhecimentos e readaptando a forma como vê a Arquitectura. É gratificante sentir o aprofundamento de conhecimento, a nível pessoal da temática da reabilitação.

" *Aprender a ver, que é fundamental, para um arquitecto e para todas as pessoas. Não só a olhar, mas a ver em profundidade, em detalhe, na globalidade." Alvaro Siza Vieira*

8 - Bibliografia

Alarcão, Pedro, 2018 - Construir a ruína. Entre a reconstrução e a reabilitação. Porto: Edições Afrontamento

Siza, Álvaro, 2009 - Imaginar a Evidência. Lisboa: Edições 70

Zumthor, Peter, 2017 - Pensar La Arquitectura. Barcelona: Gustavo Gili

Gigante, José, xxxx - Habitar. Casal de Cambra: Caleidoscópio

Calvino, Italo, 2012 - As Cidades Invisíveis. Alfragide: Teorema

Grassi, Georgio, 2018 - Escritos escolhidos, 1965-2015. Porto: Edições Afrontamento

Marco de Canaveses, 2000 - Rio de Galinhas, o despertar da modernidade. Marco de Canaveses: Genius Loci

Sanhudo, António, 1992-1993 - Heráldica Marcoense

Monteiro, Emília, 1995 - Monografia do Marco de Canaveses I, Passado e Presente

Monteiro, Emília, 2012 - Monografia do Marco de Canaveses III, Nos 160 Anos

Jornadas de Estudo do Marco de Canaveses - Marco Histórico e Cultural: actas de eventos marcoenses, 1988-1998. Marco de Canaveses: Camara Municipal do Marco de Canaveses, 1998. ISBN 972-95492-4-9

Rossi, Aldo, 2016 - A Arquitetura da Cidade. Lisboa: Edições 70

Távora, Fernando, 2008 - Da Organização e do Espaço. Porto: FAUP

Arquivo Municipal do Porto

Azevedo, Carlos, 1988 - Solares Portugueses

Websites

Câmara Municipal do Marco de Canaveses. Visitar . História

Disponível em: https://www.cm-marco-canaveses.pt/visitar/conhecer-o-marco/historia/

Câmara Municipal do Marco de Canaveses. Visitar . Património Histórico
Disponível em: https://www.cm-marco-canaveses.pt/visitar/conhecer-o-marco/patrimonio-historico/

Câmara Municipal do Marco de Canaveses. Visitar . Turismo . Rota dos Vinhos Verdes
Disponível em: https://www.cm-marco-canaveses.pt/visitar/turismo/rota-dos-vinhos-do-marco-2/

Câmara Municipal do Marco de Canaveses. Visitar . Turismo . Rota dos Vinhos Verdes . Produtores
Disponível em: https://www.cm-marco-canaveses.pt/visitar/turismo/rota-dos-vinhos-do-marco-2/produtores/

Câmara Municipal do Marco de Canaveses. Visitar . Turismo . Gastronomia
Disponível em: https://www.cm-marco-canaveses.pt/visitar/turismo/gastronomia-2/

Câmara Municipal do Marco de Canaveses. Visitar . Turismo . Pontos Turísticos
Disponível em: https://www.cm-marco-canaveses.pt/visitar/turismo/pontos-turisticos/

Wikipedia Marco de Canaveses
Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marco_de_Canaveses

Archdaily Brasil

Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br

Archdaily

Disponível em: http://www.archdaily.com

Índice de Imagens

Fig. 1 Localização Territorial - Integração no distrito

Fig. 2 Divisão do concelho

Fig. 3 Ortofotomapa - Marco de Canaveses

Fig. 4 Cidade do Marco de Canaveses

Fig. 5 Casa dos Arcos - Anos 20 (cedidas pela antigo proprietário da Casa)

Fig. 6 Casa dos Arcos - Anos 70 (cedidas pela antigo proprietário da Casa)

Fig. 7 Brasão da Casa dos Arcos (cedidas pela antigo proprietário da Casa)

Fig. 8 Casa dos Arcos. Fotografia do autor

Fig. 9 Reconstrução de Sequeiro

Fig. 10 Reconstrução de Sequeiro

Fig. 11 Casa Quinta da Cavada

Fig. 12 Detalhe da Casa Quinta da Cavada

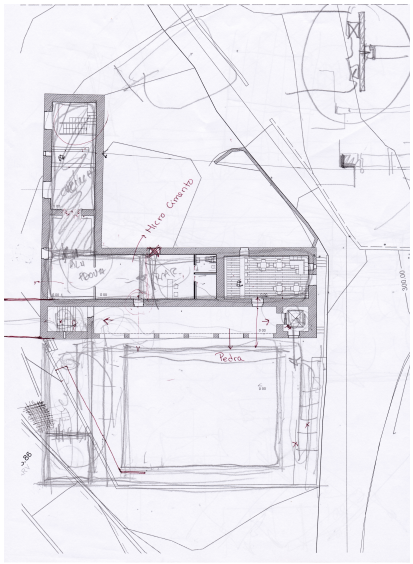
Fig. 13 Adega dos meus pais. Fotografia do autor

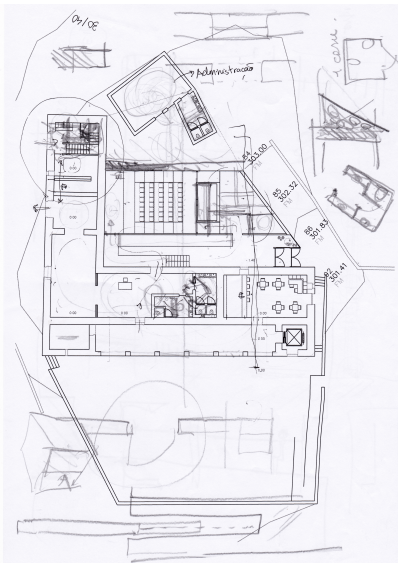
Fig. 14 Adega dos meus pais. Fotografia do autor

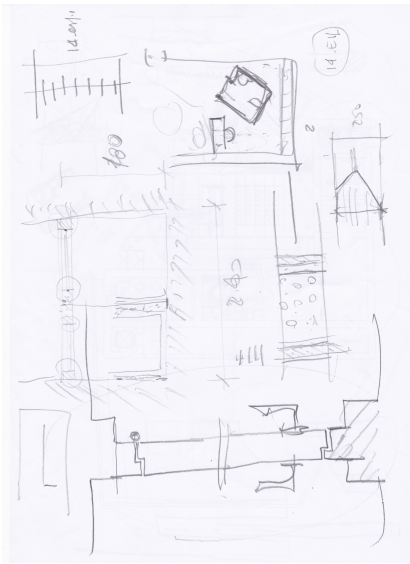
Fig. 15 Adega e o Lagar dos meus pais. Fotografia do autor

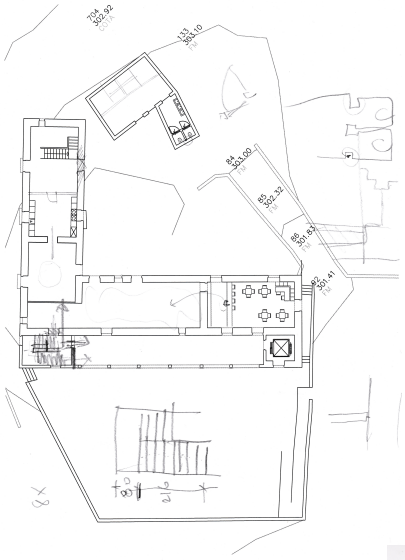
Anexos

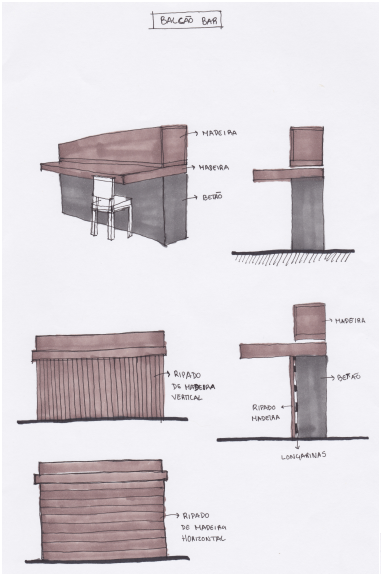
Desenhos de Processo

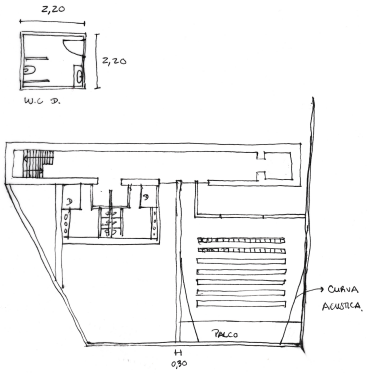


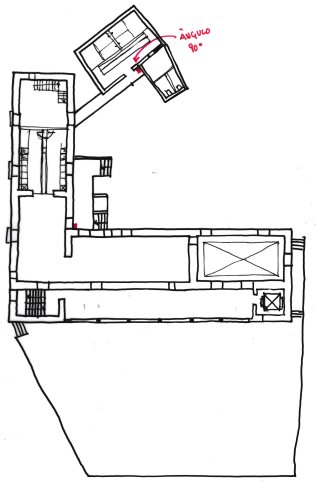


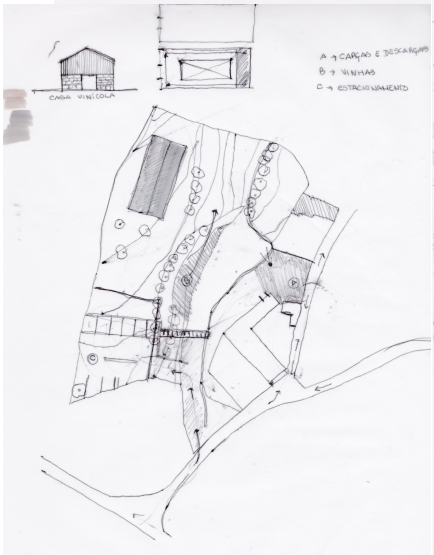


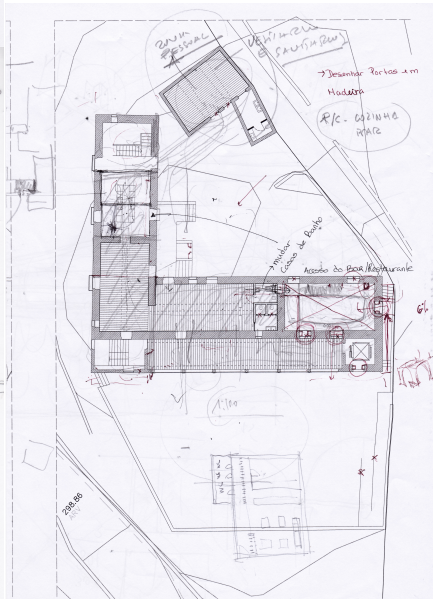


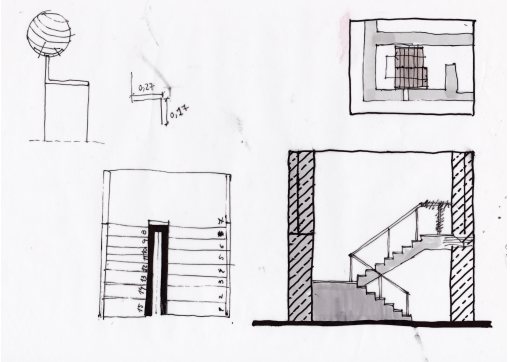


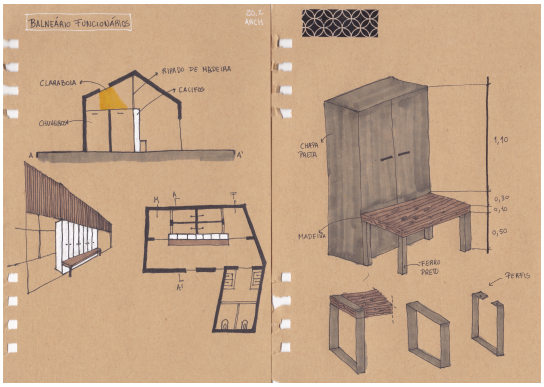


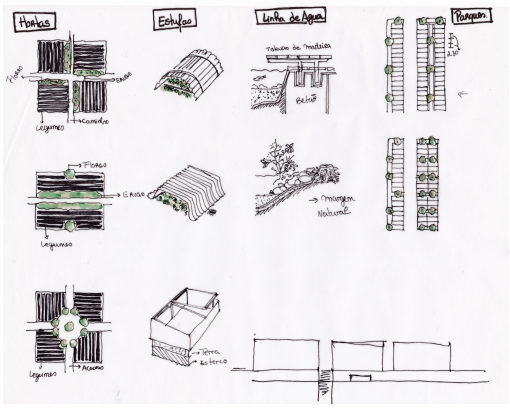




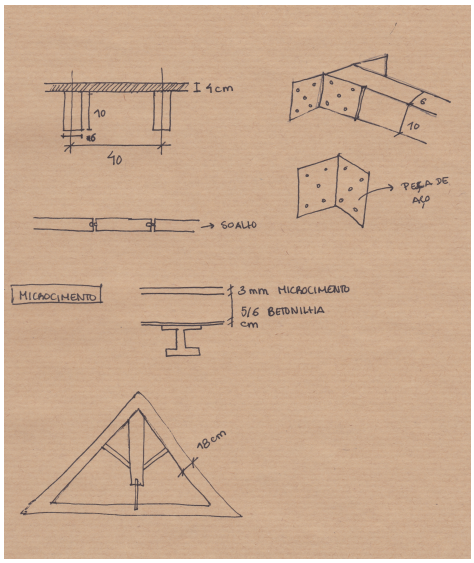


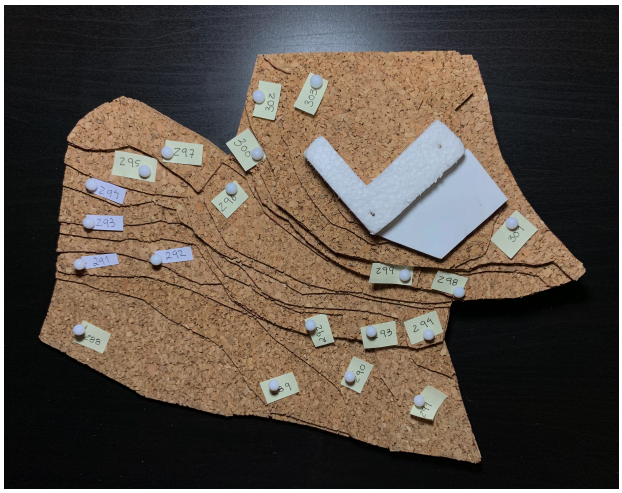


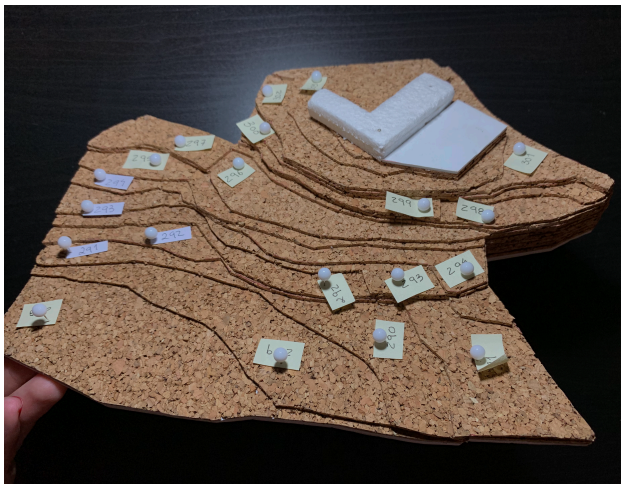

BALNEÁRIO FUNCIONÁRIOS
CLARABOIA
RIPADO DE MADEIRA
CACIFOS
CHUMBUZOS
CHAPA PRETA
MADEIRA
FERRO PRETO
PERFIS


Hortas
Estufas
Linha de Água
Parques
Legumes
Camisão
Flores
Legumes
Legumes
Acasos
Terra
Estéreo

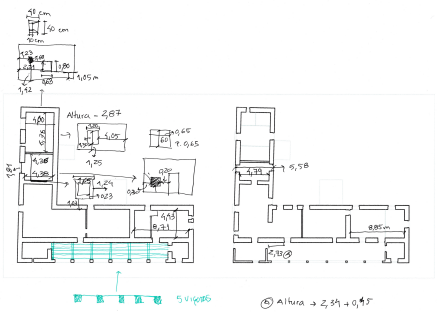


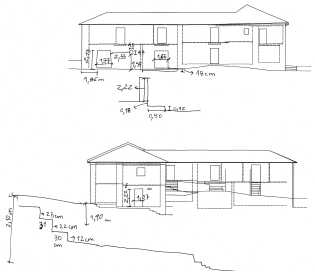

4cm
10
40
PEÇA DE AÇO
SOALHO
MICROCIMENTO
3 mm MICROCIMENTO
5/6 BETONILHA
cm
18cm

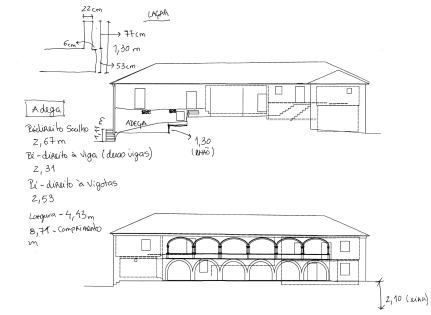


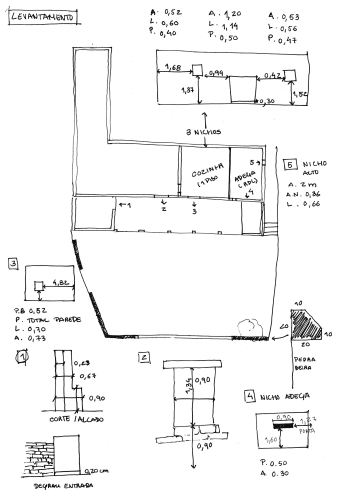


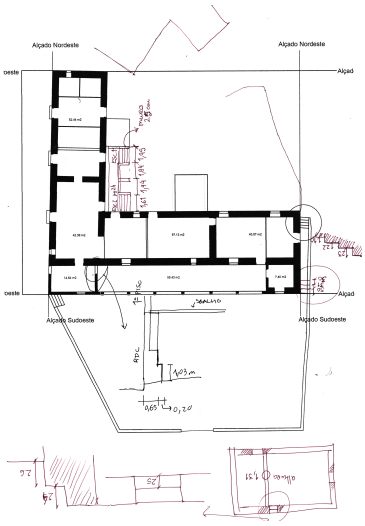
Levantamento Métrico

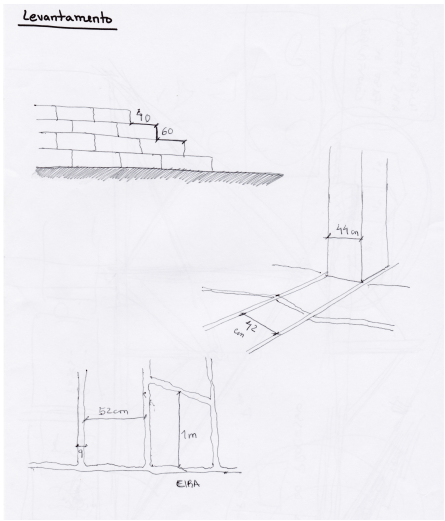


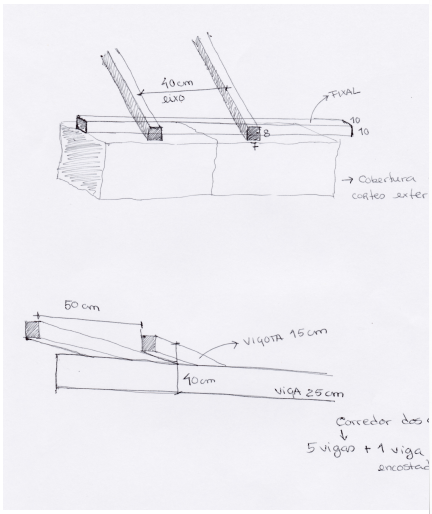


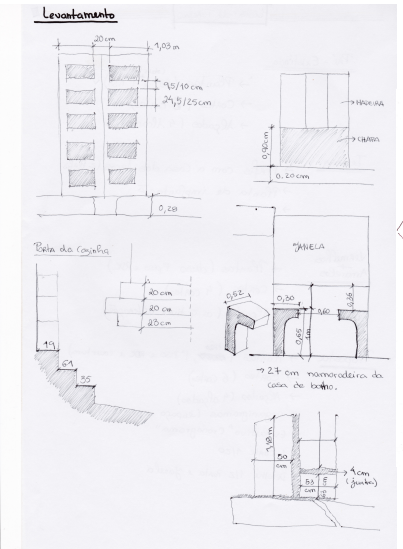


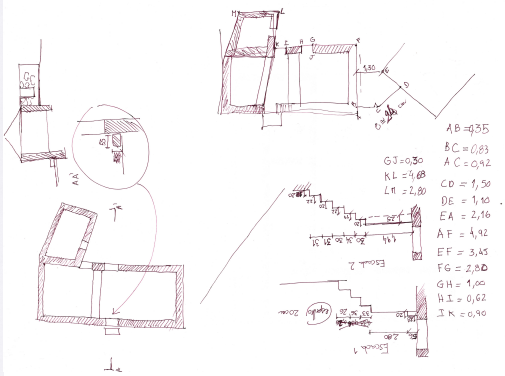


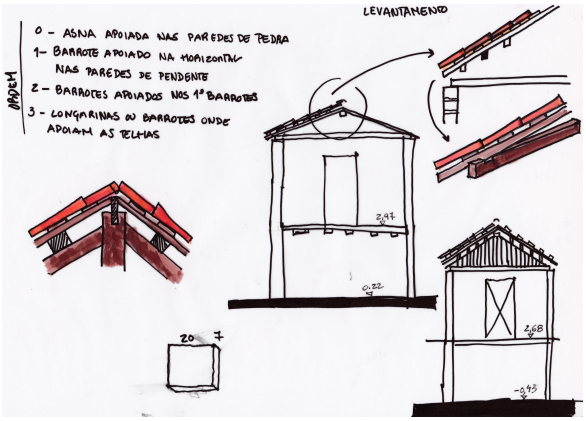


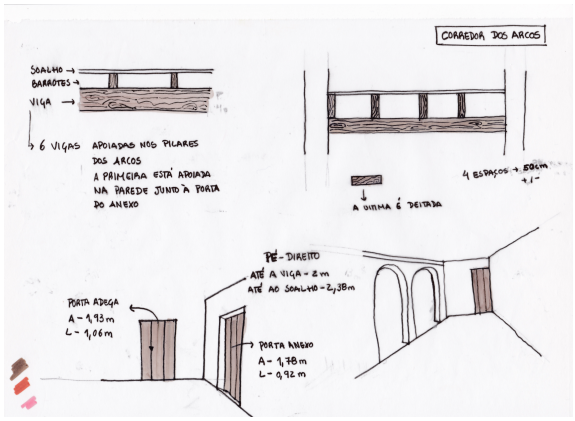


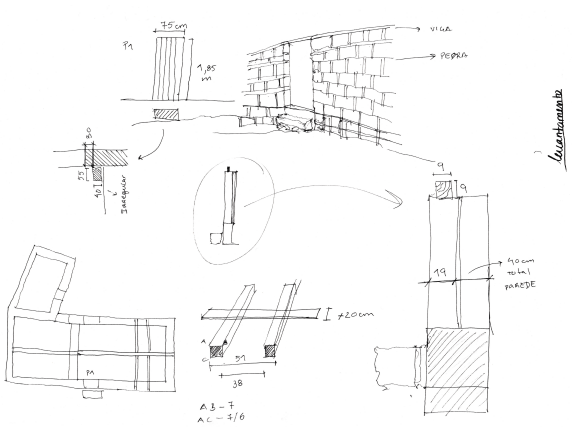


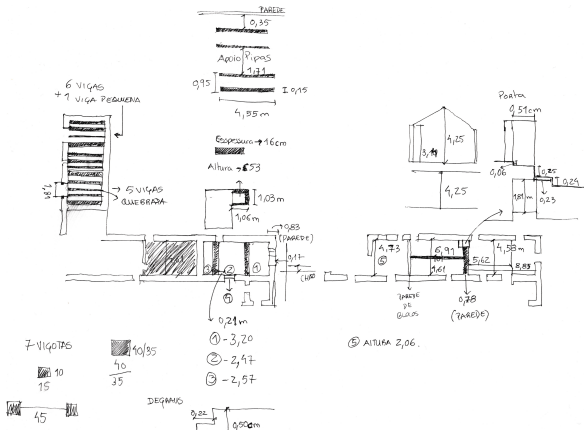


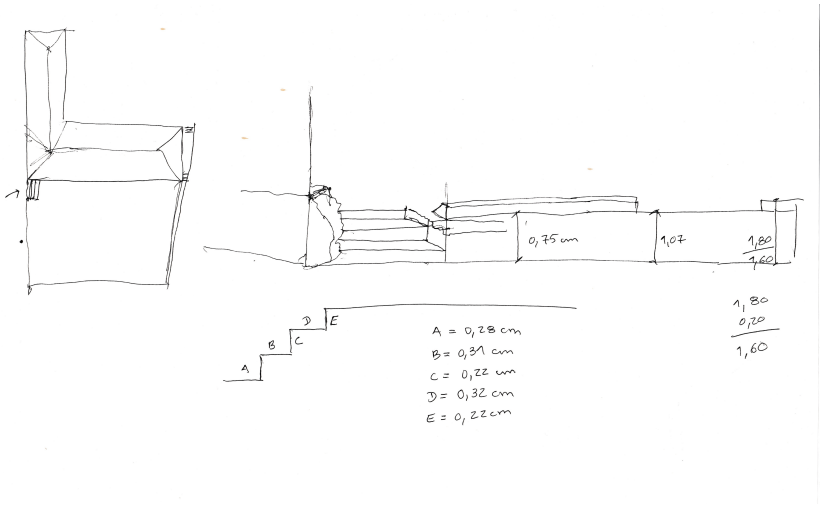



LEVANTAMENTO
MADEM
0 - ASNA APOIADA NAS PAREDES DE PEDRA
1- BARROTE APOIADO NA HORIZONTAL NAS PAREDES DE PENDENTE
2 - BARROTES APOIADOS NOS 1º BARROTES
3 - LONGARINAS OU BARROTES ONDE APOIAM AS TELHAS
2,97
0,22
2,68
0,93
20
7


CORREDOR DOS ARCOS
SOALHO
BARROTES
VIGA
6 VIGAS APOIADAS NOS PILARES DOS ARCOS
A PRIMEIRA ESTÁ APOIADA NA PAREDE JUNTO À PORTA DO ANEXO
4 ESPAÇOS
A ÚLTIMA É DEITADA
PÉ-DIREITO
ATÉ A VIGA - 2 m
ATÉ AO SOALHO - 2,38m
PORTA ADEGA
A - 1,93 m
L - 1,06 m
PORTA ANEXO
A - 1,78 m
L - 0,92 m


75 cm
1,85 m
VIGA
PEDRA
P1
Levantamento
9
19
40 cm ou 1 m PARede
I 20cm
31
38
A 3 - 7
A C - 1/6


PAREDE
0,35
Apoio Vigas
1,11
0,95
I 0,15
4,55 m
6 VIGAS
+ 1 VIGA PEQUENA
5 VIGAS QUEBRADA
Espessura 16cm
Altura 0,53
1,03 m
1,06 m
0,83 (PAREDE)
0,17
CHÃO
0,21 m
7 VIGOTES
10/35
10
15
40
35
45
DEGRAUS
0,22
0,50 cm
① - 3,20
② - 2,47
③ - 2,57
⑤ ALTURA 2,06.
Porta
0,51 cm
4,25
3,19
0,06
0,25
0,24
1,81 m
0,23
4,73
6,99
4,38 m
1,61
5,42
5,83
0,28
(PAREDE)


0,75 cm
1,07
1,80
1,60
A
B
C
D
E
A = 0,28 cm
B = 0,31 cm
C = 0,22 cm
D = 0,32 cm
E = 0,22 cm
1,80
0,20
1,60

Levantamento Fotográfico










5


6


7


8


9


10


11


12


15

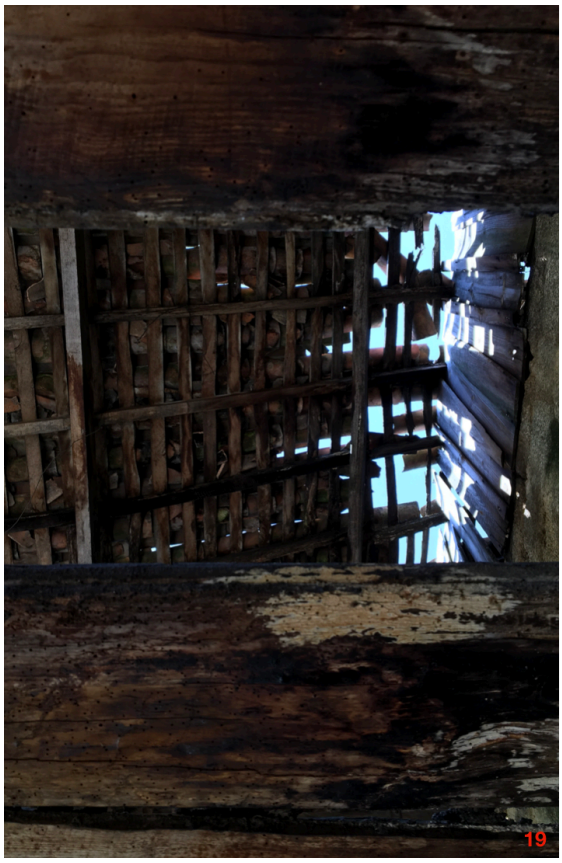

16


13


14


17


18


19


20


21


22


23


24


25


26


27


28


29


30


31


32


33



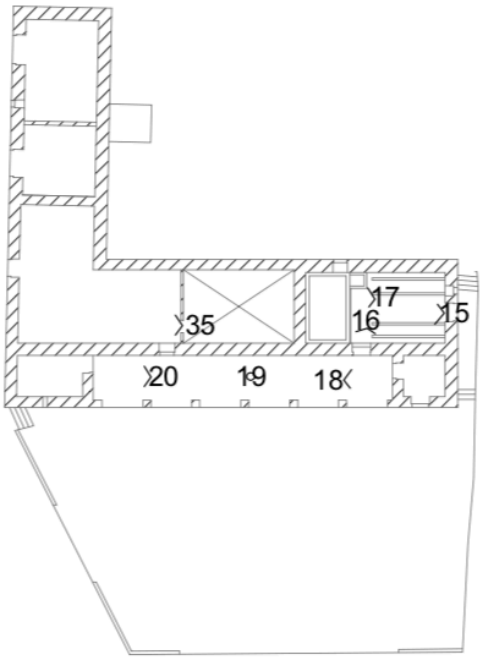


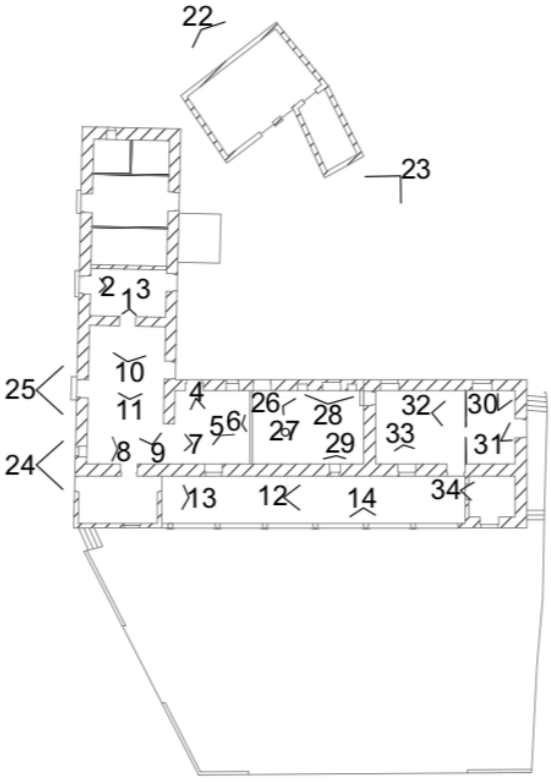
34








17
16
15
35
20
19
18


22
23
2
1
3
10
25
11
4
26
28
32
30
5
6
27
33
24
8
9
7
29
31
13
12
14
34